

Fragments d'Angola, de Sébastien e Thomas Roy

SALETE DE ALMEIDA CARA
Universidade de São Paulo

E perturbador este livro de ensaios e fotos de viagem dos irmãos Sébastien Roy (o escritor) e Thomas Roy (o fotógrafo), o primeiro com uma experiência de muitos anos na África, para onde o irmão fotógrafo iria algumas vezes com a ajuda logística dos Médicos sem Fronteiras. Durante a longa viagem, Sébastien trabalharia três anos como formador de professores em Angola. Nos agradecimentos finais o autor faz uma advertência: “esta narrativa não é uma reportagem”. Advertência que destaca um gancho forte do livro, que é a maneira como o narrador se situa diante daquilo que conta: uma experiência de viagem que, muito antes de partir, ele já sabia que nada teria de turística. Não sendo uma reportagem, o que é narrado e o que lemos em *Fragments d'Angola*?

Desde o início o livro reconhece a situação do narrador que vem de fora, sua condição de viajante letrado, “dont les livres nous ont appris à faire meilleur usage du monde”, e a quem, a qualquer momento, é facultada a possibilidade de deixar um país mergulhado em guerra civil, violenta até os acordos de paz entre o governo e a Unita, em 2002. Explicitar essa posição faz diferença. Desse modo andando por Lubango, onde a guerra parece mais distante, a despeito das balas encravadas nos edifícios, e olhando um mapa da região com o amigo Samuel, o narrador confessa com ironia certa vontade de fazer turismo, “à vouloir écrire des souvenirs de vacances. En Angola”. Um desejo inconseqüente, porque esbarra na complexa situação de Samuel, que, ligado aos kikongos, nascido e criado no Congo, estudante no Zaire e na Bélgica, quando volta será para sempre um angolano visto como “estrangeiro”, “deslocado”, “refugiado”, “regressado”. E Samuel engrossa o grande número de angolanos deslocados para as cidades pela violência rural.

O narrador faz suas descobertas e encontros entre escombros, e não se furta a uma reconstrução atenta da situação histórica, política e econômica do país, desde o comércio entre portugueses, chefes locais e negreiros do Brasil, no século XVII, aos exploradores do petróleo angolano (novos “aliados” norte-americanos do MPLA) e dos diamantes do Leste (sustentando a guerra pelo lado da Unita). Sem cronologia didática nem finalidade histórico-sociológica, a reconstrução é inserida na narrativa de cenas da vida angolana e no clima de profundo desalento dos últimos anos da guerra civil. No prefácio, José Eduardo Agualusa afirma tratar-se, aqui, de testemunhar e mostrar os desdobramentos de um caos sem nenhuma festa ou espírito de comemoração prospectiva, ao contrário de outros trabalhos desse mesmo “jornalismo fantástico” (a expressão é de Salman Rushdie), que constrói com objetividade uma exposição subjetiva da realidade.

As andanças do narrador nos levam a Luanda (preferencialmente), Huambo, Lubango, Benguela, Cuito, Saurimo. Dividindo o livro em duas partes, em cada uma delas há uma página de abertura. Na primeira, “Ce matin-là”, ele conta seu desconcerto ao acordar, pela primeira vez, na cidade grande de muitas falas populares e antenas parabólicas e, dois dias antes, ao aguardar nas filas da Air Afrique pelo voo que o levaria a Luanda, entre homens de negócios, membros de ONG, trabalhadores do petróleo – quase todos brancos –, pouquíssimas mulheres e crianças. Na segunda, “Sur la route de Genève”, lamenta não estar em Angola quando escuta a notícia da morte de Jonas Savimbi pelo rádio do carro que conduz, numa estrada de Genebra. Nas páginas finais, um mapa, uma cronologia e um léxico orientam o leitor.

A mescla de avaliações pessoais, informações históricas e descrições resulta no acento forte de uma subjetividade que modula a matéria angolana, sem minimizar suas circunstâncias. Caminhando pelas ruas de Luanda, o escritor responde à pergunta que se faz todo viajante (“Qu’est-ce que je fais ici?”), com um olhar situado que não prescinde da ajuda de falas locais. São pontuações diversas, variadas, circunstanciais, às vezes monossilábicas, que incluem também membros de ONGs, “globe-trotters du désespoir, pris par l’urgence”, e um traficante do Senegal rodando de Mercedes pelas estradas, com quem os irmãos cruzam no “Botequim do luso-brasileiro”, em Saurimo.

Comércio de todo tipo ao longo das avenidas à espera de compradores e clientes, intimidação causada pelos Mercedes pretos das autoridades e pelos

representantes da ordem, iminência de subornos rondando o cotidiano, celular indispensável, clube de hipismo onde se vai escutar bossa-nova e mornas (o cantor, mestiço de pele clara, reclama de discriminação), bar de prostitutas em Luanda, juventude que passeia à beira-mar em Benguela vestida com maiôs brasileiros, praia de gente dos “musseques” ao lado de esgoto a céu aberto, campos de “deslocados” em Cuito, mutilados – toda a narrativa é atravessada por episódios vividos ou contados por angolanos aos irmãos Roy. Por opção e cansaço eles não vão a Cabinda, Luena e Menongue. Afinal, viajantes estrangeiros e letrados podem ir e vir.

Em Saurimo, que “figure vraiment sur toutes les cartes des trafiquants africains, sans distinction de langue”, também está acontecendo a eleição de Miss Lunda Sul que, no último ano, deu o prêmio à jovem mulata filha de mãe portuguesa, dona do botequim e viúva de um angolano que, depois de ter uma grande fazenda queimada pela Unita, montou uma outra tocada por um dos filhos, enquanto um terceiro trabalha com informática. E no “Botequim do luso-brasileiro” de Saurimo entram algumas mulheres mocubales, nômades do extremo nordeste do país, a quem a dona do botequim chama “verdadeiras africanas” e dá pouso. Uma foto de piscina sem água, com folhas, poeira e cadeiras vazias no fundo rachado é, propositalmente, a última do livro.

As fotos, eloqüentes, parecem funcionar como ilustrações daquilo que o texto conta. Mas elas têm vida independente e falam por si mesmas, sem nenhuma necessidade do texto. O escritor lembra inclusive que, algumas vezes, teve um primeiro contato com cenas e situações por meio das fotos do irmão. No conjunto, textos e fotos se completam na construção desse lugar ambíguo de distância e pertença, que parece determinar com singular eficácia as escolhas e avaliações, ao mesmo tempo precisas e empenhadas. O que, por certo, permite a Agualusa escrever (em tradução para o francês de Sébastien Roy): “Des livres comme celui-ci peuvent nous aider à être meilleurs”.

Referência Bibliográfica

ROY, Sébastien & Thomas. *Fragments d'Angola*. Arles: Actes Sud, 2006.

